

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2014

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2013 por Hodder & Stoughton,
uma empresa do grupo Hachette UK

Copyright © Eva Schloss and Karen Bartlett 2013

O direito de Eva Schloss e Karen Bartlett a serem identificadas como Autoras do
Trabalho foi por elas garantido de acordo com a Lei Britânica de Direito de Autor,
Projetos e Patentes, de 1988.

Título original: *After Auschwitz*

Autora: Eva Schloss

Texto: Karen Bartlett

Tradução: Maria Ponce de Leão

Revisão: Sérgio Fernandes/Editorial Presença

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Vera Braga/Marcador Editora

Imagens de capa: Past Pix/Getty Images e Oleg Golovnev/Shutterstock
(menina); Vincenzo De Bernardo/Shutterstock (fundo)

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 371507/14

1.ª edição, Lisboa, março, 2014

Reimpressão, Lisboa, abril, 2018

1

DEIXAR ALGO PARA TRÁS

— E agora sei que a Eva vai querer dizer algumas palavras.

A frase ecoou pelo amplo salão e apavorou-me.

Eu era uma mulher calma, de meia-idade, casada com um banqueiro de investimentos e mãe de três filhas crescidas. O homem que tinha falado era Ken Livingstone, nessa altura ainda o líder ativista do Conselho da Grande Londres, que em breve seria abolido, e o maior espinho do Governo da primeira-ministra Margaret Thatcher.

Tínhamo-nos conhecido horas antes nesse dia, e ele certamente desconhecia que aquelas palavras me causariam insegurança. Ainda não sabia que se tratava do início da minha longa viagem até me conciliar com os terríveis acontecimentos da minha infância.

Tinha 15 anos quando eu e milhares de outras pessoas atravessámos às sacudidelas a Europa, num comboio composto por carruagens de gado escuras e a abarrotar, e fomos despejados junto aos portões do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Mais de 40 anos haviam passado, mas, quando Ken Livingstone me pediu para falar, uma sensação de terror absoluto formou-me um nó no estômago. Senti vontade de rastejar para baixo da mesa, e esconder-me.

Era uma manhã do início da primavera em 1986, e estávamos na inauguração da exposição itinerante de Anne Frank nas Mall Galleries, junto ao Instituto de Arte Contemporânea de Londres. Agora, mais de três milhões de pessoas em todo o mundo já assistiram a essa exposição, mas nessa altura estávamos apenas a começar a

contar a história do Holocausto a uma nova geração através do diário da Anne e das fotografias desta e da sua família.

Essas fotografias ligavam-me à Anne de uma forma que não poderíamos imaginar quando éramos duas jovens que costumavam brincar juntas em Amesterdão. Tínhamos personalidades muito diferentes, mas a Anne era uma das minhas amigas.

Após a guerra, o pai da Anne, Otto Frank, regressou à Holanda e iniciou com a minha mãe uma estreita relação nascida das mútuas perdas e da mágoa de ambos. Casaram-se em 1953 e o Otto tornou-se meu padrasto. Deu-me a máquina fotográfica *Leica* da qual se servira para tirar as fotografias da Anne e da sua irmã, Margot, para que eu pudesse encontrar o meu próprio caminho no mundo e tornar-me fotógrafa. Usei-a durante muitos anos e ainda a conservo.

A história da Anne é a de uma jovem que sensibilizou o mundo inteiro através da simples humanidade do seu diário. A minha história é diferente. Também fui uma vítima da perseguição nazi e fui enviada para um campo de concentração, mas, contrariamente à Anne, sobrevivi.

Na primavera de 1986, há quase 40 anos que vivia em Londres e, nessa altura, a cidade mudara, quase de forma irreconhecível: tinha passado de uma pobre concha bombardeada para uma metrópole pululante, dinâmica e multicultural. Desejava poder afirmar ter passado por uma transformação semelhante.

Tinha refeito a minha vida e constituído família com um marido maravilhoso e com os meus filhos, que significavam tudo para mim. Até dirigia o meu próprio negócio. Contudo, faltava uma grande parte de mim. Não era eu, e a jovem que antes andava de bicicleta, dava saltos mortais e era uma fala-barato encontrava-se trancada num sítio que me era impossível alcançar.

À noite, sonhava que um grande buraco negro me engoliria. Quando os meus netos me interrogaram sobre a tatuagem no braço com a qual tinha sido marcada em Auschwitz, respondi-lhes que era apenas o meu número de telefone. Omiti o passado.

Contudo, dificilmente poderia recusar um convite para falar na inauguração da exposição de Anne Frank, sobretudo tratando-se do trabalho de uma vida do Otto e da minha mãe.

A pedido do Ken Livingstone, levantei-me e comecei a falar, hesitante. Provavelmente, para desespero das pessoas na plateia que

estavam à espera de uma breve introdução, verifiquei que, depois de começar, não consegui parar. As palavras saíam em catadupa, e pus-me a divagar, relatando todas as experiências traumáticas e dolorosas pelas quais havia passado. Sentia-me atordoada e aterrorizada: não me recordo do que disse.

A minha filha Jacky, que estava a assistir, afirma: «Foi arrasador. Sabíamos muito pouco sobre as experiências da minha mãe, e, subitamente, ela estava ali no palco, a falar com dificuldade e desfeita em lágrimas.»

As minhas palavras podem não ter sido coerentes para os outros, mas pessoalmente vivi um momento inesquecível. Recuperara uma pequena parte de mim.

Apesar de um início tão pouco promissor, depois desse evento um número cada vez maior de pessoas pediu-me que falasse sobre o que acontecera durante a guerra. No início, pedi ao meu marido que me preparasse discursos, os quais lia em voz alta... e mal. Contudo, aos poucos, encontrei a minha própria voz e aprendi a contar a minha história.

Muitas coisas mudaram no mundo desde o fim da Segunda Guerra Mundial, mas infelizmente o preconceito e a discriminação permaneceram. Do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, ao *apartheid* na África do Sul, à guerra na ex-Jugoslávia e aos capturados em conflitos em países como a República Democrática do Congo, vi pessoas em todo o mundo a lutar para serem tratadas com compreensão e igual dignidade humana. Como judia, percebi que nem a verdade sobre o Holocausto tinha despertado o mundo para todo o horror do antissemitismo. Hoje ainda existem muitas pessoas que procuram bodes expiatórios com base na cor da pele, nos antecedentes, na sexualidade ou na religião.

Desejava falar com essas pessoas sobre a amargura e a raiva que os fez culpar outros. Tal como eles, também eu sabia como a vida por vezes se revela difícil e injusta. Durante muitos anos, também me senti a transbordar de ódio.

À medida que o meu mundo se foi expandindo, comecei a trabalhar com a Casa de Anne Frank em Amesterdão e a Fundação Anne Frank, no Reino Unido. Comecei por escrever um livro sobre as minhas experiências, extravasando memórias do Holocausto; depois, muito

mais tarde, com o meu irmão, Heinz, procedi a um relato da minha vida para as crianças. Fiquei surpreendida quando outras pessoas também quiseram escrever sobre a minha história.

Acabei por viajar pelo mundo inteiro e falar com pessoas nos Estados Unidos, na China, na Austrália, e em toda a Europa. Em todos os lugares onde falei, as pessoas que conheci emocionaram-me e mudaram-me ao ponto de poder afirmar honestamente que deixara de ser alguém incentivado pelo ódio e pela amargura. Nada alguma vez desculpará os crimes horríveis que os nazis cometeram. Esses atos serão sempre absolutamente imperdoáveis e espero que, devido a histórias pessoais como a minha, sejam sempre recordados dessa forma. Porém, através do meu trabalho de conseguir chegar às pessoas e contar a minha história, tornei-me outra pessoa — talvez aquela que sempre fui no meu íntimo —, e isso foi uma dádiva para mim e para a minha família.

Provavelmente, a parte mais significativa do meu trabalho terá sido o diálogo com crianças em escolas e com reclusos na prisão. Sempre que olho para uma audiência de crianças pequenas de diferentes origens e países, ou de homens e mulheres condenados por crimes graves, posso dizer que eles se interrogam sobre o que têm em comum comigo — uma senhora baixinha com um casaco de lã e um sotaque australiano. Contudo, sei que, no final do tempo que passarmos juntos, teremos partilhado o sentimento de que por vezes não nos enquadrámos, de que a vida foi dura, e não sabemos o que o futuro nos reserva. Acabamos, em regra, por não ser assim tão diferentes.

Quero que eles saibam o que aprendi: que, apesar do nosso desespero, a esperança nunca morre. A vida é preciosa e bonita — e ninguém devia desperdiçá-la.

Neste livro, vou falar-lhes da minha família e da longa viagem que fiz, literalmente e em espírito, com a minha mãe. Também contarei muito mais sobre o meu pai, Erich, e o meu irmão, Heinz. Tudo o que direi aqui é que perdi os dois e que, mesmo que me conheçam agora com esta avançada idade, uma parte de mim continua a ser a jovem de 15 anos que os ama, que sente desesperadamente a sua falta e que pensa neles todos os dias.

Há um momento especial do tempo que passámos juntos como uma família que me guiou durante todos os anos desde essa altura e influenciou o meu trabalho.

Corria o mês de maio de 1940 e estávamos reunidos no nosso apartamento, em Amesterdão. Já tínhamos fugido da nossa casa, em Viena, e nessa altura os nazis haviam invadido a Holanda — as piores notícias possíveis. Geralmente, podia confiar no meu irmão, Heinz, mais velho, para me tranquilizar e animar, mas naquela noite ele estava perturbado e incapaz de encontrar as palavras certas. Disse-me que não sabia se o nosso pai poderia continuar a manter-nos a salvo, que os nazis estavam a chegar e a levar os judeus. «Estou muito assustado, Evi», disse. «Tenho realmente medo de morrer.»

O meu pai juntou-nos no sofá e abraçou-nos. Disse-nos que éramos elos de uma cadeia e que viveríamos através dos nossos filhos.

«Mas e se não tivermos filhos?», perguntou o Heinz.

«Filhos, prometo-vos isto», disse o meu pai: «Tudo o que fazem deixa algo para trás; nada se perde. Todo o bem que praticaram continuará nas vidas das pessoas que tocaram. Fará uma diferença para alguém, em algum lugar, algum dia, e os vossos atos serão continuados. Tudo está ligado como uma corrente que não pode ser quebrada.»

Neste livro vou contar-vos como tentei dar o meu melhor para deixar algo importante para trás.

UMA FAMÍLIA VIENENSE

Para quem fosse jovem, ambicioso e judeu na viragem do século xx, só havia um lugar no qual poderia estar: Viena.

Os meus olhos de criança absorveram a grandiosidade majestosa e a sofisticação da cidade; lá eu era uma verdadeira *vienense*. Quando nasci, vivíamos numa ampla mansão nos arredores de Hietzing, embora a minha família tenha protagonizado uma longa e por vezes turbulenta história na cidade.

Até ao final da Primeira Guerra Mundial, Viena era considerada a joia da coroa dos Habsburgo, a sede do vasto e imponente império austro-húngaro, que se estendia da Ucrânia e da Polónia através da Áustria e da Hungria, e até Sarajevo, na região dos Balcãs.

No período pré-guerra, Viena era uma potência comercial e cultural; os negócios eram impulsionados pelo comércio do rio Danúbio, enquanto compositores, como Gustav Mahler, escritores, como Arthur Schnitzler, e médicos, como Sigmund Freud, iluminavam as ruas, os teatros de ópera e os cafés com novas ideias. Era praticamente impossível não se ser atraído pelo entusiasmo dos que planeavam atividades artísticas. No café Central poder-se-ia encontrar Leon Trótski a jogar xadrez e a congeminar a revolução; no café Sperl, Egon Schiele e uma das suas modelos poderiam estar a fazer uma pausa na pintura dos seus provocadores retratos de nus.

Viviam-se dias emocionantes. Em 1910, a população da cidade ultrapassava os dois milhões. As largas avenidas de Ringstrasse estavam cercadas de ruas com novos blocos de apartamentos destinados

a uma crescente classe média constituída por lojistas e comerciantes. Essas pessoas formavam o público da cultura vienense — de súbito, começaram a comprar bilhetes para o teatro, a comer fora nos restaurantes, e a fazer passeios turísticos pelos bosques e colinas de Viena.

Uma parte cada vez maior dessa classe média era formada por uma comunidade de judeus cultos e bem-sucedidos.

Sem dúvida que o povo judaico já morara em Viena, entre idas e vindas, há cerca de 700 anos; contudo, uma série de governantes intransigentes fizera com que os judeus fossem expulsos da cidade, e a comunidade permanecera pequena e instável. Somente a partir de 1867, após a política de tolerância religiosa e igualdade cívica instituída pelo imperador Francisco José, é que a comunidade judaica começou a crescer. Nos trinta anos seguintes, a população judaica de Viena, que antes se compunha de menos de oito mil pessoas, subiu para mais de 118 mil habitantes e em pouco tempo começou a desempenhar um papel proeminente na vida vienense.

Algumas dessas famílias judaicas eram muito ricas e conhecidas. Compraram casas palacianas na Ringstrasse e decoraram-nas com mármore e ouro. Um pouco mais abaixo na classe social encontravam-se os profissionais da classe média. No começo do século xx, quase três quartos de todos os banqueiros e mais de metade de todos os médicos, advogados e jornalistas eram judeus. Havia mesmo uma equipa de futebol judaica muito popular que fazia parte do clube desportivo Hakoah.

Em seguida, uma crise económica e o colapso da indústria da parafina, que dava emprego a muitos judeus polacos, seguida de uma revolta nos Balcãs e, eventualmente, da Primeira Guerra Mundial, trouxeram novas vagas de imigrantes para Viena. Esses recém-chegados eram famílias de judeus mais pobres e menos instruídos, vindos de regiões situadas mais a leste, como a Galícia polaca. Instalaram-se em redor da estação ferroviária a norte de Viena, numa parte da cidade chamada Leopoldstadt. Aparentemente, essas famílias eram mais religiosas e menos «alemãs» na sua cultura do que a comunidade judaica, que já havia assimilado o estilo de vida austríaco. Famílias como a minha jamais travariam conhecimento ou se misturariam com esses novos imigrantes, que no futuro seriam vítimas de um preconceito antissemita ainda mais vincado.

O meu pai provinha de uma família de classe média bem estabelecida. O meu avô, David Geiringer, nasceu na Hungria em 1869. Depois de se mudar para Viena, fundou uma fábrica de sapatos chamada Geiringer & Brown, e quando o meu pai, Erich, nasceu, em novembro de 1901, o negócio caminhava muito bem.

Tenho apenas uma fotografia dos meus avós paternos juntos. O meu avô parece uma pessoa metódica, tem bigode e usa um chapéu de coco, enquanto o meu pai e a minha tia, nessa altura crianças, estão vestidos com trajes de marinheiro a olhar para a câmara com uma expressão séria. A minha avó, Hermine, é esguia e elegante, e na foto parece ter pelo menos um palmo e meio a mais de altura devido ao chapéu enorme envolto por camadas de renda preta e de *chiffon*, o auge da moda nessa altura. Tinha chegado a Viena, vinda da região da Boémia, que hoje faz parte da República Checa.

Mesmo com a necessária imobilidade fria exigida nas fotografias da época, pareciam uma família feliz, e é essa a lembrança que o meu pai tinha. Infelizmente, pouco tempo depois, foi diagnosticado um cancro à minha avó, que morreu em 1912, com 34 anos. O meu avô voltou a casar, com uma mulher que se revelou uma madrasta intransigente, e, por conseguinte, o meu pai saiu de casa quando ainda era um adolescente e começou a definir a sua própria trajetória. A sua primeira experiência de uma vida em família tivera um fim brusco e infeliz, mas ele estava prestes a conhecer a mulher com quem passaria o resto da vida, a minha mãe.

Devo dizer que a minha mãe era bonita. Enquanto o meu pai era moreno e vistoso, a minha mãe era loira e de olhos azuis, tinha cabelos ondulados e um sorriso deslumbrante. Chamava-se Elfriede Markovits, mas todos a tratavam por Fritzi, e era uma mulher cheia de vida. Uma das suas fotos de que mais gosto foi tirada quando ela era ainda uma jovem, e estava a sorrir e a dar de comer a um cavalo. As circunstâncias estavam longe de ser agradáveis — tinha-se mudado para o país no qual o meu avô estava posicionado com o exército para escapar à fome; mas, ainda assim, ela não perdera o sorriso. A fotografia poderia transmitir a impressão de que era uma mulher prática e rústica, mas na verdade não era nada disso. Pelo menos naquele momento.

Helen, a mãe de Fritzi, era natural de uma família muito rica, que possuía vinhas no que hoje é a República Checa e também umas termas

de águas sulfurosas, próximas de Viena, em Baden bei Wien, um lugar que detestei conhecer, porque cheirava a ovos podres.

A situação financeira da minha avó diminuiu consideravelmente quando se casou com o meu avô, Rudolf Markovits, que representava Osram, uma empresa que fabricava lâmpadas, entre outros produtos. Embora o meu avô fosse um bom vendedor e a família estivesse longe de ser pobre, o fim da Primeira Guerra Mundial trouxe muitas dificuldades à maioria dos austríacos.

A comida fora severamente racionada durante a guerra, e a queda do regime dos Habsburgo, em 1918, deixou a Áustria em apuros. O país recebeu indenizações financeiras pelos prejuízos em 1919 com o acordo de paz do Tratado de Versalhes, mas a nação foi à falência antes de a quantia ser definida.

O que antes fora o local mais importante de um vasto império tornara-se um país pequeno, desprovido dos seus mais lucrativos recursos. A indústria e a agricultura, que tinham sido a espinha dorsal do império austro-húngaro, estavam agora a sobreviver à custa das economias de outros países, como a Polónia e as recém-independentes Checoslováquia, Hungria e Jugoslávia. Essas novas nações mantinham a Áustria sob resgate até à resolução das disputas de fronteiras, e imediatamente se espalhou em toda a Europa o boato de que os cidadãos de Viena estavam a morrer à fome.

A certa altura, os Markovits tinham tanta fome que mataram e cozinham o seu pássaro de estimação. A minha mãe, que amava o bicho, lembra-se de ter chorado, ao mesmo tempo que separava a carne dos ossinhos para comer.

Dessa forma, posso afirmar que, no momento em que Erich Geiringer, com 17 anos, e Fritzi Markovits, de 14, se conheceram, os meus pais já estavam familiarizados com as dificuldades e a incerteza. Porém, a consciência de que as circunstâncias de vida poderiam mudar de um momento para o outro não afetou a alegria de viver dos anos 20, em Viena. Como esta carta de 1921 o demonstra, o meu pai estava decidido a não permitir que alguém se interpusesse no caminho dos dois, nem sequer a mãe de Fritzi, que lhe dissera que a filha era demasiado jovem para assumir um relacionamento tão sério.